



Trabalhando com história oral – a narrativa de um jovem talentoso em meio a caatinga nordestina

Working with oral history - the narrative of a talented young man in the middle of the northeastern caatinga

Lúcio Silva dos Santos¹, Natália Moura Borges²

¹Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), professor de História da Escola Municipal Professor Edgard Santos, Crisópolis-BA, coordenador pedagógico do Colégio Estadual Presidente Médici, Crisópolis-BA. luciosilva100@hotmail.com.

²Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), professora de História da rede particular de ensino no Estado de Sergipe. E-mail: aju.natalia@gmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Este trabalho apresenta fragmentos da história de vida de um jovem que foi criado em meio a caatinga nordestina, num assentamento de terra denominado Florestan Fernandes, localizado em Canindé de São Francisco - SE. Utilizando a metodologia de investigação da História Oral, que busca ouvir as vozes dos diferentes sujeitos e reconstruir suas memórias, buscando inserir suas experiências de vida na história oficial. Ao escutar o jovem Geovanio Darlan, 22 anos, engajado em projetos sociais e de desenvolvimento econômico, destinados a população dos assentamentos nessa região, foi possível compreender como funciona a vida das pessoas num espaço de terra oriundo do movimento de desapropriação, como a escola, e mais especificamente o ensino de História, pode e deve ser mais incisivo em contribuir para o fortalecimento da identidade local e para formação cidadã dos indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: História de vida; História oral; Memórias; escola e ensino de História.

ABSTRACT: This work presents fragments of the life story of a young man who was created in the middle of the northeastern caatinga, in a land settlement called Florestan Fernandes, located in Canindé de São Francisco - SE. Using the Oral History research methodology, which seeks to hear the voices of different subjects and reconstruct their memories, seeking to insert their life experiences in the official history. By listening to the young Geovanio Darlan, 22, engaged in social and economic development projects, aimed at the population of the settlements in this region, it was possible to understand how people's lives work in a space of land originated from the expropriation movement, such as the school, and more specifically the teaching of history, can and should be more incisive in contributing to the strengthening of the local identity and to the citizen formation of individuals.

KEYWORDS: Life history; Oral history; Memoirs; school and history teaching.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir dos estudos sobre a metodologia de pesquisa História Oral, na disciplina Tópico Especial em Ensino de História I, do curso de Mestrado Profissional do Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Os professores doutores Joaquim Tavares e Paulo Heimar, proporcionaram aos mestrandos inteirar-se teoricamente e na prática sobre a importância da história Oral para a história e para o ensino de história. Assim nos foi apresentada a obra Cantos e Contos do Florestan, que reúne histórias de vidas, poemas e contos dos moradores e moradoras do assentamento Florestan Fernandes, localizado em Canindé de São Francisco, que fica a 213km de Aracaju-SE.

Figura 1. Mapa de Canindé do São Francisco



Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-caninde-de-sao-francisco.html>

Canindé de São Francisco, é um município pertencente ao Estado de Sergipe e serve de portal de entrada para passeios turísticos nos cânions do rio São Francisco. A cidade possui uma infraestrutura turística que contribui para ações empreendedoras de ecoturismo pela caatinga nordestina e as águas do Rio São Francisco. Além dos famosos cânions conta também com a Usina Hidrelétrica de Xingó e o Museu de Arqueologia de Xingó (MAX).

É neste cenário maravilhoso, cheio de história e cultura que vamos colocar em prática os conhecimentos adquiridos sobre a importância da história oral no processo de escrita da história e vamos conhecer a história de vida de pessoas que vivem num assentamento de terra distante da cidade e aprenderam a viver utilizando-se dos recursos naturais e das oportunidades de emprego e renda que o local oferece.

Ao ler as biografias e os poemas dos jovens constantes na obra *Cantos e Contos do Florestan*, que trazem em suas escritas uma consciência ambiental e responsabilidade social, ficamos encantados com a história de vida de Geovanio Darlan. Este jovem autointitulado como “um sonhador, lutador no meio de tanta gente com cabresto de vendas”, de 22 anos, é técnico agrícola, xilógrafo, desenhista, condutor de trilhas, artesão e poeta. Nasceu em Paulo Afonso-BA, mas logo foi morar em Canindé de São Francisco. Sempre demonstrou uma atitude positiva para com os estudos e assumiu um perfil de liderança na escola e na comunidade. Participou de projetos sociais, e foi um dos idealizadores da coletânea de poemas e contos da obra citada.

Para conhecermos um pouco da história de vida, e, por conseguinte a história local utilizamos entrevistas. O palco da entrevista foi a primeira escola do Assentamento Florestan Fernandes, uma pequena casa, que atualmente funciona como ponto de referência para qualquer tipo de reunião social da população local. Numa ensolarada tarde, marcada pela hospitalidade de uma comunidade acolhedora e cheia de ensinamentos, sentamos na varanda de uma casa, onde passamos a conversar, trocar aprendizados, a conhecer a história de Geovânio Darlan e do lugar onde vive. Podemos afirmar que foi uma experiência ímpar em nossas vidas, em perceber que podemos ser felizes em qualquer lugar e com um estilo de vida simples.

Esta vivência em quanto historiadores também nos oportunizou perceber um aspecto importante sobre o ensino de história.

No ensino da história concerne à articulação da história individual do aluno com a história coletiva de grupos, classes e sociedades. Como todos os homens são determinados pela história de vida, todos somos sujeitos da própria história; isso equivale a entender que a história é feita por todos. (SCHMIDT, 2009, p. 161).

À medida que fazíamos as perguntas e ouvíamos as respostas do entrevistado, era ao mesmo tempo possível fazer associação com uma série de assuntos e temas trazidos à tona nas falas do entrevistado, a saber História Local; Identidade e sentimento de

pertencimento ao local onde vive; Juventudes e protagonismo juvenil; educação familiar e educação escolar; formação para cidadania; consciência cidadã e a preservação do meio ambiente; sustentabilidade; políticas públicas para o assentamento e a importância da história oral para o ensino de história. Neste trabalho vamos chamar atenção para alguns destes temas destacados pelo entrevistado.

HISTÓRIA ORAL, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Este artigo lida com a história oral em primeiro plano por compreender que esta permite uma perspectiva de outros grupos sociais, que normalmente não estão envolvidos nos escritos históricos, pelo interesse em reconhecer valor à personagens como o nosso entrevistado fazendo-o sentir-se valorizado e demonstrando-o como ser ativo da prática histórica. De acordo com Thompson “o trabalho de campo em história oral propicia o ingresso na vida de outras pessoas e com isso cria uma experiência humanizada profunda e comovente.” (THOMPSON, 1992, p. 217)

Ao mesmo tempo não podemos deixar de relacionar a história oral as questões relativas a memória bem como modo como a memória é apropriada pela história (Nora, 2012, pp.8,9) destaca em sua obra, “*Entre memória e história: a problemática dos lugares*”, a relação distinta entre História e memória, indicando para esse fim que a história, e os lugares são construídos como meio de guardar memórias que são negligenciadas ou esquecidas, para ele “se habitássemos ainda nossa memória não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares”. Segundo o mesmo os lugares são construídos como meio de manter viva a memória e a história de determinadas sociedades, já que, desse modo não seriam esquecidas e assim podem ter continuidade. Afirma que a percepção histórica se transforma quando novas memórias são apontadas. Faz a definição de história e memória para acentuar as oposições existentes, nesse caso, a História é conceituada como uma reconstrução ‘sempre problemática’ do que não existe mais, já a memória compreende como um fenômeno sempre atual, um ‘elo vivido no eterno presente’, ou seja, a ‘memória é um absoluto e a história só conhece um relativo’.

A memória, portanto, é parte do processo histórico, a história então seria a construção escrita, o registro dela, e, portanto, é necessário que nos atenhamos aos acontecimentos históricos e ao que está registrado. “O interesse pelos lugares onde se

ancora, se condensa e se exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva ressalta dessa sensibilidade. História, profundidade de uma época arrancada de sua profundidade”. (Nora, 2012, p.28)

Entendendo a importância dos lugares na memória e da memória para a construção de lugares partimos para seguinte pergunta: Qual é a importância do rio São Francisco para o povo de Canindé do São Francisco?

Primeiro a gente enxerga o rio aqui mais como uma forma de lazer, por conta da questão da distância que tem que percorrer até o rio, mas pra quem mora ali mais perto ele já tem uma fonte de renda, já é uma área de lazer também, é ponto turístico, são imensas infinidades néh?! Só quem é mais ribeirinho consegue entender, a gente não consegue explicar a importância de um rio assim, só quem é mais ribeirinho sente, quem mora perto no rio explica o que é você saber o que um rio é pra uma cidade, ela tem que participar do rio.

Em sequência: Quais foram os motivos que fez você e sua família virem pra cá?

A princípio a gente morava em Canindé, num bairro chamado ‘bairro do trevo’ aí num sistema de desapropriação de terra, reforma agrária, aí a gente veio, a gente não, meus pais né, porque eu era muito novo, ficava mais em Canindé...aí vieram para cá, porque a gente chama no, sistema de reforma agrária a gente chama de luta, porque na verdade é resistência mesmo que a gente tem que ter, aí com isso foram 2 anos de acampamento, e depois de 2 anos aí deram a posse de reforma agrária pro assentamento, ou seja, o acampamento passou a ser assentamento, já poderia agregar as pessoas que estavam ali lutando por esses territórios, esses terrenos, aí nisso meus pais que antes moravam em Canindé, trabalhavam no projeto Califórnia que é um setor irrigado de Canindé de São Francisco, aí vieram pra cá pra poder ter sua própria terra né?! a moradia própria e outros benefícios.

Nesse sentido reflete sobre os aspectos conceituais de história e memória, e em como essa relação ocorre, o valor em perceber a brevidade da memória e sua historização, bem como os lugares como a materialização do que não se deseja tornar esquecido na historiografia, notar a relação do tempo, e em como aspectos contemporâneos são latentes na nossa memória, bem como podem ser relativizados a depender de quem os relata.

Podemos ainda apontar a história oral como não sendo construída apenas através das recordações de uma pessoa, mas de um “indivíduo” que faz parte de conjunto de circunstâncias sociais que o faz ser quem é assim sendo este ser está imbuído de referências e influências que podem ser como citam “moralizantes ou não” (MATOS; SENNA 2011, p. 96).

Partindo da ideia da memória imbuída da sua formação enquanto indivíduo e dos valores que o abrangem a partir da vivência com outras pessoas, como as da comunidade e a própria família, questionamos sobre ele e sua família e como sentia em relação a ela, ao que Geovanio nos respondeu:

Eu particularmente, eu acho que eu sou o espelho do meu pai, por que quando começou esse projeto do assentamento, eu sempre falava com ele: “painho, sim e o jovem? Não fazer o quê? Tá vindo pros véios, e o jovem (riso)” eu sempre bati nessa tecla porque a gente só vivia em casa assistindo televisão, a gente também quer se sentir da comunidade, a gente quer participar de alguma coisa. Aí ele [o pai] falou assim: olhe, “você já tem discernimento, você já sabe o que você quer pra sua vida, o único conselho que vou te dar é monte um grupo de jovens e corra atrás”, meu pai ele sempre foi assim, deu muita independência pra gente, ele sempre foi um pai muito independente, “se tem alguma coisa que você sabe quer fazer, faça! Agora, também tem que arcar com as responsabilidades”.

Tal explanação torna evidente o quanto a história oral é promotora de uma reconstituição do passado, visto que as memórias do nosso entrevistado trazem à tona falas que remontam projetos que começam a chegar no assentamento há alguns anos, bem como demonstra a influência desses projetos sobre o mesmo e como isso desencadeou no seu interesse em promover ações com outros grupos sociais da sua comunidade, fato que o tornou idealizador engajado de um grupo com a juventude local do assentamento o que também o levou a produzir poemas, dos quais mais tarde fizeram parte da obra “Cantos e Contos do Florestan” a mesma que nos estimulou a realizar este artigo a partir da entrevista com esse jovem autor.

PROTAGONISMO JUVENIL – JOVENS FAZENDO HISTÓRIA A PARTIR DE SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA

Em meios a sociedade capitalista marcada por constantes transformações econômicas, que afeta todas as áreas da vida em sociedade, tem afetado até mesmo o conceito de juventude, que adquire uma nova dimensão, a social. O jovem na contemporaneidade passa a se envolver não apenas nas questões da família, da igreja, da escola, mas também nas questões sociais e políticas.

Segundo Souza e Paiva (2012) entende-se por juventude como um período de intensas transformações sociais, psicológicas e culturais que irão transforma-se de acordo com o contexto em que o jovem se encontra inserido. Para tanto, leva-se em consideração o bairro, a rua, a cidade, a família, o país e outras variáveis que irão contribuir para a transformação do modo de agir e pensar sobre si mesmo e sobre os outros.

Neste íterim notamos como o ambiente onde o jovem Geovanio foi criado contribui para sua personalidade de liderança, consciente dos seus atos e questionador da realidade vigente buscando a transformação social. Durante a entrevista ao ser questionado sobre o que ele tem feito para contribuir para a comunidade em que vive, relata-nos:

“Eu acho que desde o princípio atuamos fortemente em prol do desenvolvimento do assentamento, porque, logo no início do assentamento eles que coordenaram o grupo pra poder ocupar a área, pra poder definir território, de quem vai ser tal lote. Meu pai ficou 7 anos como coordenador do assentamento, depois se afastou um tempo, depois ficou mais 5 anos como coordenador, eu acho que nesse processo a gente ajudou bastante o assentamento a crescer já víamos pessoas com dificuldades, a gente auxiliava, aconselhava e também na questão de limpeza do assentamento. Sabemos que sempre vem pessoas de fora que jogam lixo nas áreas de ecoturismo, e acabamos sempre organizado mutirão de limpeza. Temos conscientizado as pessoas. tipo: óh! não faça isso, não desmate, não jogue lixo. A gente está sempre procurando ver o lado melhor do assentamento.

O jovem expressa como a participação dos pais em organizar e defender os direitos do assentamento foram fundamentais para sua formação, enquanto um cidadão que se interessa pelos interesses coletivos e que busca o bem comum. E desde cedo procurou defender os interesses e anseios dos jovens da comunidade, participando de projetos e até mesmos organizando ações e projetos que estimulam o protagonismo juvenil.

*“Tá Calor? / Mostro a solução
Abra o App humanidade. /Desative a poluição
Depois de feito isso / Siga mais essa lição:
Abrindo a página “fazer mais” /Vá em conscientização.
Depois abra “natureza” / E combata a desertificação.
Para fechar com chave de ouro /Respeito o meio ambiente*

E faça mais preservação.”

O excerto acima é um poema de autoria de Geovanio que salienta a inquietude de nosso entrevistado em relação as condições em que estão a região em que vive, por seu ponto de vista, através de circunstâncias causadas pela ação da sociedade, e falta de políticas, de modo geral que, de acordo com ele, não se atenta a questões climáticas, a poluição e etc.. Nesse poema, percebemos como a sua percepção de mundo e sua experiência de vida assumem ponto focal para seu engajamento social. Nesses aspectos podemos pontuar a parti das análises de Guariza (2014, p. 11) o quanto que as histórias de vida tratam de recortes amplificados acerca daquele ao qual nos propomos entrevistar, que nossas questões nos permite perceber com quem falamos, conhecendo seus interesses, suas vivências suas relações interpessoais e familiares mais ao mesmo tempo direcionando as questões podemos apontar aspectos específicos. Neste caso tratamos do engajamento do nosso entrevistado que o perguntamos “quais suas expectativas para o futuro da comunidade?”, no qual obtivemos a seguinte resposta:

Primeiramente eu pretendo juntamente com outras pessoas que estão no projeto comigo, a gente conseguir conscientizar, primeiro conscientização no próprio assentamento, que não adianta nada a gente querer mostrar uma coisa diferente sendo que algumas pessoas ainda não tem a consciência de que o que ela está fazendo está errado, então primeiramente conscientização e depois reconhecimento.

Na sequência o inquirimos: “que você já estudou, até da sua vida mesmo, de que maneira os seus conhecimentos trazem contribuições para cá?” Ao passo que prontamente nos respondeu:

Então, quanto ao conhecimento técnico e prático eu escolhi a área de biologia e justamente por ser uma área que eu já era familiarizado desde pequeno tinha a fascinação: ah! Vou ser um cientista!!! Quando eu era menino: vou ser um cientista e vou projetar para fazer mas na verdade quando a gente vai enxergar a realidade é uma coisa completamente diferente a gente vê muita dificuldade por conta de questões públicas e financeiras que a gente não consegue se adequar, justamente pela condição de assentamento que também vou ser mal Vista reforma agrária muito mais vista no país por conta da apropriação da terra que na verdade é muito dizem: que foi um “roubo” que a gente fez de pessoas que tem um grande território, mas na verdade não, eram terras que as pessoas não usavam e a gente “tava” precisando. E quanto aos

¹ Poema feito pelo entrevistado, Geovanio Darlan, extraído do livro CALADO, Andressa; et al. **Cantos e Contos do Florestan**. Canindé de São Francisco: Aclas Editora, 2019, p. 13. (Coleção Artes & Letras).

conhecimentos eu como não conseguimos concluir o curso de biologia ingressei no curso de técnico em Agropecuária que eu vi a questão de produção de animais, produção de roça, do pessoal sempre muito atrasado sempre eu vi a passar no Globo Rural em revistas de agropecuária aqueles rebanhos bonitos e bem tratados. Pensava: eu acho que eu consigo fazer isso no meu assentamento, também aí eu iniciei o curso de técnico em Agropecuária para tentar viver essa questão de produção no assentamento mesmo. É técnico em Agropecuária aqui em Poço Redondo.

Essa narrativa, nos faz observar como repercute em cada indivíduo suas experiências e em como podem ser elaboradas e construídas suas percepções de vida e prioridades são repercussões de “compreensões e construções, convergentes e divergentes, que não retiram a intersecção existente entre memória individual e social” (ELIAS, 1994, p. 98 Apud. Chiazoni Mesquita e Tuma, 2007, p. 116.). Portanto aplicamos que pretendemos tornar evidente a maneira diversificada como a sociedade se apresenta e como as experiências individuais e coletivas são parte de um processo de compreensão histórica.

A EDUCAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

“Não tem nem o que discutir, se a pessoa não conhece sua própria história ela não vai ser ninguém na vida né? Ela vai tá sujeita a tomar posse da identidade de qualquer pessoa que se mostre melhor do que ela, porque ela não vai conhecer sua própria história, então ela vai aceitar que o outro é melhor do que ele, na verdade se... como uma frase que o Chorão sempre falava: ‘se a gente não conhecer sua própria história a gente vai cometer os erros antigos, cometer os mesmo erros.’”
Geovânio Darlan.

É necessário considerar a importância, no ensino de história, de variadas perspectivas para a sua realização, uma delas seria o uso da memória, da história oral e local para a construção e significação de si. Buscar práticas pedagógicas que oportunizem aos alunos uma compreensão de que a história é matéria essencial para a compreensão da sua realidade.

Devemos [professores de história] tentar promover uma redefinição dos significados históricos, nos reinventando a cada aula, oportunizando ao aluno a percepção de que a história não se prende ao passado, mas que há relações com o

presente e por isso interfere no futuro. Como indica Bittencourt (2011, p. 15), as práticas docentes estão diretamente relacionadas e só podem ser efetivadas a partir do momento em que o professor repensar e “ampliar sua consciência sobre a própria prática”, ou seja, é necessário que sejamos críticos sobre a realidade e conscientes do nosso papel.

Por esse ângulo recorrer a história oral pode contribuir para que o educando torne-se partícipe da história e da aprendizagem. Diante disso torna-se plausível a percepção “de que todos são sujeitos históricos, que todos escrevem a história, e que conhecer e ouvir sujeitos da história possibilitaria uma aproximação dos fatos históricos; conhecer fontes históricas [...] e aspectos da realidade local” (PONTES, 2016, p.2).

Em consonância, acerca da história oral como fonte histórica, Thompson admite que:

A reconstrução da história torna-se, ela mesma, um processo de colaboração muito mais amplo, em que não-profissionais devem desempenhar papel crucial. Ao atribuir um lugar central, em seus textos e apresentações, a pessoas de toda espécie, a história se beneficia enormemente. (THOMPSON, 2016, p. 34).

Ainda em conformidade com o autor supracitado, é notório a relação da oralidade com a mensagem social e histórica que se pretende passar, quando, por exemplo, lida e relata sobre personalidades políticas, heróis e grupos influentes. Porém, ao mesmo tempo em que também reitera sobre como a história oral pode mudar o enfoque histórico dando oportunidade a outras vozes sociais. O mesmo declara que a história oral pode nos aproximar com veemência do que tratou como “o original histórico”, isso porque, segundo ele, a disposição de objetos da época em que se está pesquisando pode nos reportar, por exemplo, a situações e questões mais historicamente verossímeis (1992, p. 34).

Engendrando ainda mais sobre o tema, agregar a ideia de história oral, à memória, à identidade e a história local, como questões preponderantes pra o ensino de história tem sido muito recorrente nas discussões sobre a educação, de modo geral, e o ensino de história está incluso nisso.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que vem sendo discutida desde 2017, e tem sido implantada, principalmente a partir de 2019, para o ensino de história, trazem no seu corpo, por exemplo, a necessidade de implementar um ensino que proporcione ao aluno a “autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem” e que pontuam em

algumas unidades temáticas, por exemplo: “*A comunidade e seus registros*” e “*As formas de registrar as experiências da comunidade*” (As fontes: relatos orais, objetos, imagens (pinturas, fotografias, vídeos), músicas, escrita, tecnologias digitais de informação e comunicação e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais.)” (BNCC, Ensino Fundamental, p.408) esses aspectos pontuados demonstram o interesse em envolver a história local na prática pedagógica e na formação identitária do aluno.

A partir desse meandro questionamos se na opinião do entrevistado: ‘a educação ofertada aos jovens de sua comunidade contribuía para uma formação cidadã e também na questão de identidade local?’

O qual nos respondeu:

Na questão da identidade local não, que a gente não tem um aproveitamento da nossa cultura, a gente pega muito aquele modelo, vem o modelo de lá aplica e ninguém tá nem aí pra realidade do aluno, ninguém tá nem aí para as condições do aluno. Que era uma questão que eu também queria trabalhar quando eu fosse professor, eu ia tentar adequar o assunto a realidade do aluno, se o assunto não se adequasse a essa realidade, “num” fosse nem precisar pro futuro eu também procuraria uma outra coisa que ele fosse usar. Que eu tive um professor de matemática que ele já trabalhava com essa questão, eu quando entrei na turma de 1º ano do ensino médio eu era totalmente leigo em matemática porque via aquela “teoria, teoria, teoria e teoria” e nada que se aplicasse em prática. Aí o professor fez “ó! ‘Vamo’ fazer assim! ‘vamo’ trabalhar com vendas, quanto é tanto por tanto?” A gente sempre trabalhou com a realidade com esse professor de matemática, ele se chama Francisco, ele mora em Piranhas. Trabalhar essa questão de adequação a realidade do aluno só que no demais a gente vê pouco isso.

Num outro momento da conversa o entrevistado reitera:

[..] no meu viver eu notei que escola, ela ensina aquela história: Egito, formação não sei de quê, datas, que aluno odeia decorar datas, na verdade é essa, mas se ele chegasse assim: ó! Sua cidade foi assim, pessoa “tal” fez isso na sua cidade, ter um conteúdo de contexto histórico assim, acho que o aluno aprenderia mais a disciplina por conta de que é a realidade dele e ele vai entender mais do que aquela teoria de países que a gente nem vai nem ver.

Em variadas partes de sua explanação notamos a defasagem do ensino em atribuir valor e relevância aos aspectos locais e à realidade que envolve a comunidade, que é atendida no ambiente escolar, o respondente aponta algo que ainda é recorrente: a forma como o ensino de história tem pouco contribuído em dar-se sentido/significado para os alunos, já que ainda persiste em dar maior vazão a conteúdos distantes dos contextos de vida dos discentes, ao mesmo tempo a dificuldade de compreendê-los para além da vida escolar, como seres em construção com necessidades que afetam o seu

rendimento escolar, fato que requer maior atenção se queremos um melhor aproveitamento educacional.

Fonseca afirma concordar que podemos construir uma “pedagogia da memória” que faça frente aos problemas de identidade, pertencimento, pluralidade cultural, étnica e religiosa e exclusão social que marcam as nossas escolas e completa que a escola e as aulas de História são lugares de memória, das mais distantes as mais recentes. Reforça constantemente como a incorporação das fontes orais possibilita despertar a curiosidade do aluno sobre si e sobre o mundo sendo relevante abordar a localidade contextualizando-a na questão global, segundo ela “a História tem o papel de auxiliar o aluno na busca de sentidos para a construção e reconstrução histórica” (FONSECA, 2006, p. 137)

Seguindo sobre a lógica da BNCC, observa-se a importância, em dados casos, em modificar ou resguardar aspectos convencionais e do proceder de uma comunidade. Ao passo que reconhece a existência da diversidade e estimula o pensamento crítico, tentando permitir a autonomia para a formação cidadã dos indivíduos.

Sobre esse viés reforçamos o questionamento da contribuição escolar, para a formação cidadã na escola, no qual o entrevistado reproduz:

Na verdade não, que a gente só vê as disciplinas padrões, aquele velho modelo de educação, aquele modelo mecanizado, “num” aprende pra vida, aprende mecanizado. Se você perguntar qualquer coisa fora daquele contexto ele não vai conseguir discernir porque ele aprendeu aquele negócio mecanização. A gente tem alguns casos isolados de alguns professores que ou são adeptos, ou tem paixão por reforma agrária que tenta adequar para o contexto. Quando eu iniciei lá o 1º ano, no Colégio Delmiro, eu conversei com diretor, eu falei “oh diretor a gente tá com um problema sério aqui, que a gente tá com uma turma onde é 50 por cento aluno de interior e 50 por cento da cidade, quando a gente vai fazer trabalho a gente não consegue se reunir por questão de proximidade, aí eu disse a ele: oh! Próximo ano vê se você consegue adequar as salas por localidade que fica mais fácil de trabalhar a questão de logística pra trabalhar os alunos. Até hoje é aplicado esse modelo lá no colégio.”

Destarte, a BNCC coloca que se deve evitar, o que a base cita como uma “visão homogênea” da sociedade, procurando priorizar a percepção da diversidade, bem como o modo pelo qual cada grupo produz suas memórias como elemento que impulsiona o estabelecimento de identidades e o reconhecimento de pertencimento a um grupo social determinado. Ficando a cargo do ensino de história observar tais aspectos da localidade

para enfatizar em seus conteúdos assuntos que aproximem à realidade escolar dos seus alunos e suas memórias. “As memórias podem ser individuais ou coletivas e podem ter significações variadas, inserindo-se em uma lógica de produção de patrimônios (materiais ou imateriais) que dizem respeito a grupos ou povos específicos.” (BNCC. Ensino Fundamental, p. 404)

Observar a realidade local de determinados grupos sociais são comumente defendidos por historiadores que se dedicam a história oral, Guariza (GUARIZA, 2014) entende ser pertinente a discussão desse processo histórico por que “permitiria ao educando o contato com a história de grupos” que por vezes são “esquecidos”. Ademais recorre a defesa dos historiadores orais em referir-se sobre seu campo como fonte oral, podendo também ser associada as questões de memória, lugares de memória e o decorrer de “gerações” que tratam sobre o tema. Compreende que a escola deve estar inteirada em se atualizar à metodologia do uso da história oral para inseri-la, incluindo aí as histórias de vida, sugerindo também autobiografias orais, história oral da escola, das pessoas da localidade, por permitir o sentimento de pertencimento aos alunos. Para tal entende ser relevante promover estudos no país e elogia tais iniciativas “na área da aplicação da fonte oral em sala de aula”. (GUARIZA, 2014, p.16)

Alinhando-se à reflexão de Guariza, discutida acima, podemos relacionar as questões da história local, que também é um ponto debatido por Bittencourt (2011, p. 168/169), no qual, a mesma, entende que a história local conecta-se à história do cotidiano por fazer “pessoas comuns” ativas de uma história supostamente despojada de importância, bem como assenta relações entre grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias no decorrer do tempo e, para além disso compreender que a questão da memória impõe-se por ser a base da identidade e que por meio dela se chega a história local.

Podemos destacar nas respostas do nosso entrevistado acerca do ensino de história e sua contribuição na formação cidadã, na história local e no contexto da ideia de memória e identidade que são congruentes às defesas de uma história mais voltada para a realidade local, para o que tem sentido e que faça parte da vida do aluno. Fica evidente a necessidade, não somente do ensino de história, mas também da escola de fazer se perceber parte da comunidade e, para tanto, é imprescindível entender ser importante estimular práticas pedagógicas que tentem aproximar o conhecimento histórico da vivência dos alunos, fazendo-os se reconhecerem como sujeitos da História, utilizando

sua vida presente para construir uma narrativa histórica que faça sentido para eles, e desse modo também seja possível contribuir com enfrentamento de problemas que fazem parte de suas vidas atribuindo-lhes a sensação de pertencimento.

De acordo com Farias (2018, p. 13) torna-se relevante, por considerar aspectos da memória a partir da interação dos indivíduos, o entrelaçamento das memórias dos alunos, dos grupos locais, para assim conseguir projetar aspectos pedagógicos, compreendendo a memória como sustentáculo de suas identidades. Perceber o quão é necessário, como a mesma afirma, que “nas escolas, haja momentos de recuperação das memórias dos grupos populares” em que estudantes, “precisam cada vez mais de espaço dentro dos currículos escolares”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso nos atentar à necessidade de refletir sobre o ensino de história, as metodologias utilizadas e os objetivos traçados para o desenvolvimento das competências e habilidades dos estudantes, estabelecendo compromissos e parâmetros que aproximem os discentes de uma aprendizagem mais significativa, que os oportunizem enxergarem-se como sujeitos históricos, em que suas vivências representem trocas de experiências e de ideias que culminem em práticas pedagógicas viáveis aos professores, que deliberam melhores condições no processo aprendizagem.

O currículo escolar deve impulsionar as unidades de ensino a pensar ações e atividades que estimulem o protagonismo juvenil e orientem os estudantes a pensarem e organizarem seu projeto de vida, contribuindo para o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas para liderança, cidadania, criatividade, gestão das emoções, etc. O protagonismo juvenil é um processo que pretende facilitar a inserção dos jovens no mundo adulto por meio do exercício de participação social dentro dos espaços em que eles pertencem.

À medida que contribuímos para formação de cidadãos como o jovem Geovanio Darlan, fomentamos uma sociedade mais justa e igualitária, onde a juventude consciente do processo histórico busca mudar a sociedade e escrever uma nova história social e política.

Esta percepção sobre o processo o processo de ensino ocorre a partir da utilização da História Oral, como metodologia de pesquisa para compreensão e escrita da história. Esta metodologia de pesquisa aponta para relação entre história, memória e consciência histórica. Além do mais, a história oral nos permiti ter contato com a história de pessoas e populações que não mantiveram uma história escrita, ou seja, possibilita-nos ouvirmos a voz dos excluídos, o que implica no reconhecimento dos sujeitos e suas contribuições para o processo histórico.

A realização da entrevista, fez-nos perceber a importância da história oral para a historiografia, permitindo-nos fazer relação com as várias facetas do entrevistado com a história de seu grupo familiar e social. Com certeza, a história oral é uma metodologia a ser aperfeiçoada e utilizada pelos pesquisadores neste processo de escrita e compreensão da história.

REFERÊNCIAS

1. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Editora Cortez. São Paulo 4ª ed. 1ª reimpressão. Coleção Docência em formação. Série Ensino Fundamental, 2011.
2. BNCC- Base Nacional Curricular Comum. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 13/01/2020
3. CALADO, Andressa; et al. **Cantos e Contos do Florestan**. Canindé de São Francisco: Aclas Editora, 2019, 30 p. (Coleção Artes & Letras).
4. CHIOZZINI, Daniel Ferraz; MESQUITA; Ilka Miglio de; TUMA, Magda Madalena. Potencialidades da história oral e da memória para o diálogo com professores e professoras em suas singularidades. In: ZAMBONI, Ernesta (org.) **Digressões sobre o ensino de História**. Memória História oral e razão histórica. Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007.p. 103-145.
5. FARIAS, Ana Lígia Rodrigues de. **Rompendo o silêncio: história de vida no ensino de história na Educação de Jovens e Adultos na EMEF Oviedo Teixeira em Aracaju/SE**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - 5Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade

